

A Minha Glória Literária

«QUANDO a alma vibra, atormentada...»

Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas. E lá estava o meu nome, que pela primeira vez eu via em letra de fôrma. O jornal era «O Itapemirim», órgão oficial do «Grêmio Domingos Martins», dos alunos do Colégio Pedro Palácios, de Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo.

O professor de Português passara uma composição: «A lágrima». Não tive dúvidas: peguei a pena e me pus a dizer coisas sublimes. Ganhei 10, e ainda por cima a composição foi publicada no jornalzinho do colégio. Não era para menos:

«Quando a alma vibra atormentada, às pulsações de um coração amargurado pelo peso da desgraça, êste numa explosão irremediável, num desabafo sincero de infortúnios, angústias e mágoas indefiníveis, externa-se, oprimido, por uma gôta de água ardente como o desejo e consoladora como a esperança; e esta pérola de amargura arrebatada pela dor ao oceano tumultuoso da alma dilacerada é a própria essência do sofrimento: é a lágrima.

É claro que eu não parava aí. Vêm, depois, outras belezas; eu chamo a lágrima de «traidora inconsciente dos segredos da alma», descubro que ela «amolece os corações mais duros» e também (o que é mais estranho «endurece os corações mais moles»). E acabo com certo exagêro dizendo que ela foi «sempre, através da História, a realizadora dos maiores empreendimentos, a salvadora miraculosa de cidades e nações, talismã encantado de vingança e crime, de brandura e perdão».

Sim, eu era um pouco exagerado; hoje não me arriscaria a afirmar tantas coisas. Mas o importante é que minha composição abafara e tanto que não faltou um colega despeitado que pusesse em dúvida a sua autoria: eu devia ter copiado aquilo de algum almanaque.

A suspeita tinha seus motivos: tímido e mal falante, meio emburrado na conversa, eu não parecia capaz de tamanha eloquência. O fato é que a suspeita não me feriu, antes me orgulhou; e a recebi com desdém, sem sequer desmentir a acusação. Veriam, eu sabia escrever coisas loucas; dispunha secretamente de um imenso estoque de «corações amargurados», «pérolas da amargura» e «talismãs encantados» para embasbacar os incréus; veriam...

Uma semana depois o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional. Foi então que — dá-lhe Braga! — meti uma bossa que deixou todos maravilhados. Minha composição tinha poucas linhas, mas era nada menos que uma paráfrase do Padre-Nosso, que começava assim: «Bandeira nossa, que estais no céu...»

Não me lembro do resto, mas era divino. Ganhei novamente 10, e o professor fêz questão de ler, êle mesmo, a minha obrinha para a classe estupefata. Essa composição não foi publicada porque «O Itapemirim» deixara de sair, mas duas meninas — glória suave! — tiraram cópias, porque acharam uma beleza.

Foi logo depois das férias de junho que o professor passou nova composição: «Amanhecer na fazenda». Ora, eu tinha passado uns quinze dias na «Boa Esperança», fazenda de meu tio Cristóvão, e estava muito bem informado sobre os amanheceres da mesma. Peguei da pena e fui contando com a maior facilidade. Passarinhos, galinhas, patos, uma negra jogando milho para as galinhas e os patos, um menino tirando leite da vaca, vaca mugindo... e no fim achei que ficava bonito, para fazer pendant com essa vaca mugindo (assim como «consoladora como a esperança» combinara com «ardente como o desejo»), um «burro zurrando». Depois fiz parágrafo, e repeti o mesmo zurro com um advérbio de modo, para fecho de ouro:

«Um burro zurrando escandalosamente».

Foi minha desgraça. O professor disse que daquela vez o senhor Braga o havia decepcionado, não tinha levado a sério seu dever e não merecia uma nota maior do que 5; e para mostrar como era ruim minha composição leu aquêle final: «um burro zurrando escandalosamente».

Foi uma gargalhada geral dos alunos, uma gargalhada que era uma grande vala cruel. Sorri amarelo. Minha glória literária fôra por água abaixo.

M 405
Ai de ti
CM 10.2.54